



**O jornal escolar para a criação de espaços
para o protagonismo juvenil na Escola
Estadual Victor Geraldo Simonsen – um
relato da experiência do legado jovem**

.....

Felipe Schadt

1. CONTEXTUALIZANDO

Com mais de dois anos de existência, **O Jornaleiro**, projeto do curso de comunicação social dos alunos da Faculdade Campo Limpo Paulista (Faccamp), mostrou-se como um potencial projeto educ comunicativo por fazer uso de preceitos que esse novo campo de intervenção social tem como base, como por exemplo, o uso do diálogo, a construção coletiva de conhecimento e o protagonismo juvenil.

Com o tempo e metodologias adotadas pelo grupo, notou-se que o papel puramente funcionalista que **O Jornaleiro** exercia, em que a formação de novos profissionais com as qualidades e aptidões exigidas pelo mercado era o principal foco, foi ficando em segundo plano e dando espaço para a importância da formação pessoal dos membros do projeto. Essa formação pessoal perpassa por processos que se enquadram dentro da Educomunicação. Segundo o professor livre docente, Ismar de Oliveira Soares:

Partimos da premissa de que a educomunicação, conceito que - no entendimento do Núcleo de Comunicação e Educação da USP - designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, apresenta-se hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e da juventude¹.

E era esse caminho que **O Jornaleiro** estava tomando dentro do curso de Comunicação Social da Faccamp. Através de processos comunicativos, estava interferindo diretamente nos processos educacionais, proporcionando aos alunos um espaço para seu crescimento pessoal através do protagonismo.

Essa aproximação com a Educomunicação se potencializou após o projeto perceber que das 42 escolas (públicas e particulares) do município de Campo Limpo Paulista (45 km de São Paulo) – cidade na qual o projeto está inserido –, nenhuma possui, atualmente, um projeto educ comunicativo. Sendo assim, **O Jornaleiro** se mostrou interessado em expandir seus horizontes, indo do ensino universitário para o ensino médio.

1 SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 14

Mas para que essa ida às escolas fosse feita de uma maneira saudável para os membros da comunidade escolar, **O Jornaleiro** precisou entender as realidades escolares presentes na cidade de Campo Limpo Paulista para só depois implantar as experiências que deram certo na Faccamp. Foi preciso, portanto, mapear e conhecer uma dessas realidades e para isso escolher uma das 12 escolas da cidade - que possuem alunos no ensino médio - e entender suas demandas, preocupações, agentes, cenário, cultura, limitações e recursos.

A escola escolhida foi a Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen, situada no bairro Jardim Europa, região periférica da cidade de Campo Limpo Paulista. A escola estadual, criada a partir do decreto 28.823 de 30 de agosto de 1988, atende, atualmente, o Ensino Fundamental Ciclo II e o Ensino Médio, não oferecendo aulas noturnas, apenas matutinas e vespertinas.

Em 2014, a Victor Geraldo Simonsen atendeu 753 alunos regularmente matriculados, sendo 344 discentes do Ensino Médio. Desses, 270 continuaram na escola até o fim do ano letivo, resultando em um número de 74 estudantes que saíram da escola antes do término do ano letivo. Desses 74 alunos, segundo a secretaria da escola, a maioria deixou a Victor Geraldo Simonsen porque a escola não oferece aulas noturnas, impedindo alunos que conseguem ingressar precocemente no mercado de trabalho a se manterem matriculados, levando-os a procurarem outra escola para terminar o seus estudos.

Porém, a escola vive uma preocupante realidade referente ao abandono escolar. Só no ensino médio, nos últimos três anos, houve 31 casos de abandono. Segundo os gestores da escola, na maioria das vezes, a evasão se dá pela gravidez precoce, por problemas familiares e, principalmente, pelo desinteresse do jovem com a escola.

Mas essa realidade não é exclusividade da Victor Geraldo Simonsen. O Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas realizou, em 2009, uma pesquisa intitulada de “Motivos da Evasão Escolar”, constatando que 40,1% dos jovens de 15 a 17 anos deixam de ir à escola por acharem-na desinteressante². Já a ONG Ação Educativa, de São Paulo, revela em sua pesquisa “Que Ensino Médio Queremos?”

2 SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011, p. 25.

que 59% dos jovens entrevistados dizem que só se interessam pela escola “as vezes”, enquanto 28% responderam que raramente acham a escola interessante³.

Esses dados chamam a atenção por mostrarem que a escola está, ao contrário do que se espera, distanciando os jovens de dentro das salas de aula, por ser, segundo as pesquisas citadas anteriormente, desinteressante ao aluno. Ismar de Oliveira Soares nos atenta para entender que:

[...] uma educação eficiente precisa inserir-se no cotidiano de seus estudantes e não ser um simulacro de suas vidas. Fazer sentido para eles significa partir de um projeto de educação que caminhe no mesmo ritmo que o mundo que os cerca e que acompanhe essas transformações. Que entenda o jovem. E não dá para entendê-lo, sem se quer escutá-lo⁴.

É nesse contexto que a educomunicação se faz pertinente: ao criar ações que modifiquem o espaço escolar, transformando-o em um local onde o jovem deixe de ser mero elemento da educação para se transformar em agente criador. Acreditamos, portanto, que uma intervenção educacional neste ambiente possa garantir o favorecimento da autonomia do aluno, gerando assim um entendimento de que a escola não é um local fechado e de ensino verticalizado, mas sim um ecossistema que tem o aluno como grande criador. Sendo assim, dando ao aluno chances de se interessar por ela.

2. OS PROCESSOS DO LEGADO JOVEM

A princípio, a ideia era simplesmente reproduzir as lógicas e metodologias que baseiam as ações do **O Jornaleiro** na Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen. Convidar os alunos para participarem do projeto; estabelecer horários de reuniões; criar uma página no Facebook para servir de plataforma para a divulgação do material produzido; e estabelecer a dinâmica de um jornal-laboratório, com as reuniões de pauta, **deadline**, revisão e publicação.

Uma reunião com os mais de 60 alunos interessados foi o passo seguinte. Foi cedida pela direção, a sala de leitura que mal coube os mais de 60 discentes interessados. Convocamos os interessados a participarem desse primeiro encontro

3 Idem.

4 Ibid., p. 8.

para definirmos, coletivamente, que dias e horários se dariam as reuniões seguintes para darmos andamento ao projeto.

Em roda, começamos a discutir as possibilidades do andamento do jornal, referente aos dias dos próximos encontros. O que já estava definido pela direção era o horário. O projeto aconteceria no contra turno, duas vezes por semana. Isso porque seria inviável a realização dos encontros em horário de aula. Depois de ouvir todos que se prontificaram a opinar, ficou decidido que as reuniões seriam todas as segundas e quartas-feiras, das 13h às 14h30min.

Embora a evasão sofrida pelo projeto foi algo marcante, o envolvimento dos alunos que permaneciam foi aumentado gradativamente na medida que iam entendendo o seu processo. As produções foram surgindo e alunos de fora do projeto – e até mesmo os que saíram no decorrer da pesquisa – envolviam-se com as reportagens, curtindo, compartilhando e/ou comentando na página que criaríamos para o jornal no Facebook. Para os que permaneceram até o final – nove alunos – o projeto foi intenso.

Todo o processo de seu dentro de quinze encontros que, por sua vez, foram divididos em quatro blocos. Do 1º ao 5º encontro realizamos oficinas teóricas sobre a produção jornalística, para dar base aos alunos para poderem produzir as reportagens do jornal-laboratório. Além disso, usamos esse bloco para definirmos a identidade do jornal (nome e logotipo), dinâmica do processo e regras de convívio do grupo.

No segundo e terceiro bloco – que foi do 6º ao 14º encontro – trabalhamos com as produções das reportagens e conversamos sobre esse processo em uma roda de conversa, em que buscávamos extrair dos alunos como foi para eles esse processo de escolha do tema, pesquisa, escrita, divulgação e recepção dos leitores.

Por fim, encerramos nossas pesquisas no último bloco – 15º encontro – para dialogarmos com os participantes tentando entender como eles viveram toda a experiência de conduzir o jornal-laboratório na escola. Além disso, saber se os discentes continuariam com o projeto.

3. FASES DO PROJETO

No **Legado Jovem**, foi observável três fases do processo: **Estranhamento**; **reconhecimento**; e **empoderamento**. A primeira aconteceu na primeira fase do projeto, em que nos dedicamos a ensinar, com as oficinas, sobre as produções jornalísticas. Já a segunda foi mensurável a partir das primeiras produções, em que houve um reconhecimento do aluno participante como agente criador. E por fim, a terceira fase se deu no final dos encontros em que os alunos não queriam parar com o projeto, tomando-o para eles.

O estranhamento no início do projeto já era o esperado, afinal, apresentamos algo diferente do que os alunos estavam acostumados a lidar. Diferente no conteúdo e principalmente no processo, em que buscamos deixar claro que seriam eles quem deveriam tomar as rédeas do projeto e, através do coletivo, mantê-lo em funcionamento.

O estranhamento só teve fim quando os participantes começaram a reconhecer a sua participação no processo como agente criador e não mais como mero elemento. Foi através das práticas dialógicas e coletivas que eles entenderam o seu papel dentro do **Legado Jovem**.

Pudemos observar que tinham a convicção de que eram capazes de mudar a própria realidade a partir de suas ações dentro do jornal. Eles deixariam um legado para os próximos participantes. Esse entendimento dos alunos mostra que quem conduziria as coisas e se responsabilizaria pelo legado deixado, eram eles. Os participantes se reconheciam como criadores.

Ao final da pesquisa, o empoderamento foi adicionado ao reconhecimento. Isso porque, quando perceberam o potencial que tinham e tudo que já haviam feito, através das reportagens, pela escola, pelos demais alunos e pelas próprias vidas, não queriam interromper o projeto. Queriam ir adiante e seguir.

Tendo consciência desses fatores, habituados aos processos e emancipados, os alunos se empoderaram do **Legado Jovem** e continuaram com o projeto, mesmo

com o término da pesquisa. O projeto continuou e se manteve na ativa⁵, tendo os próprios alunos como gestores do jornal-laboratório.

4. CONSIDERAÇÕES

Entendemos que, para a criação desses espaços, a educação ofereça as melhores diretrizes, pois tem em suas bases metodológicas o diálogo, a coletividade e o entendimento de que o jovem não é mero elemento do paradigma **ensino x aprendizagem**, mas sim agente criador capaz, inclusive, de ensinar e transformar a sua e a realidade no qual está inserido.

Levar esses preceitos para dentro da escola resultou na criação do **Legado Jovem**. Um jornal-laboratório escolar que ofereceu aos alunos – e oferece, pois o projeto continua – chances de se tornarem agentes capazes de transformar a realidade escolar, social, familiar, profissional etc.

Dentro do projeto vimos alunos ganhando voz e se expressando, através das produções, suas opiniões e visões de mundo. Ajudaram a fortalecer um ecossistema comunicativo aberto e dialógico entre a comunidade escolar. E começaram a despontar ações que modificasse a realidade, através de cidadania e solidariedade.

Durante esses 15 encontros que realizamos e a experiência que tivemos com **O Legado Jovem**, acreditamos que a educação foi o caminho para gerar o protagonismo dos agentes sociais envolvidos no projeto, por meio da realização de um jornal-laboratório dentro da escola, criando um espaço que favorece o surgimento de jovens protagonistas.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

5 Até o término deste relato – maio de 2015 –, o Legado Jovem continuou produzindo e se manteve como projeto na Escola Estadual Victor Geraldo Simonsen, em que novos alunos começaram a se interessar em participar, novas reportagens foram feitas e novas ações foram realizadas.

•● O AUTOR ●•

Felipe Schadt é jornalista formado pela Faculdade Campo Limpo Paulista, com especialização em História, Sociedade e Cultura pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, professor de Técnicas em Rádio e TV no curso de comunicação social da Faculdade Campo Limpo Paulista, coordenador do projeto **O Jornaleiro**, membro da Associação Brasileira de Pesquisadores de Educomunicação e aluno do curso de pós-graduação lato-sensu em Educomunicação pela Escola de Comunicação e artes da USP.